

O PHAROL DO MINHO.

Responsavel, o Bacharel J. M. d'Araujo Correa.

SEM ESTAMPILHA.
 Por anno..... 15000
 " Semestre..... 7500
 " Trimestre..... 3600
 Folha avulsa..... 30

Publica-se todas as Segundas e Quintas feiras não sendo dia sanctificado.
 Assigna-se no escriptorio da redacção na rua de Santo André n.º 34, onde se recebem os annuncios e correspondencias, que devem ser dirigidas á redacção do — PHAROL DO MINHO — francas de porte. — Annuncios por linha 25 reis, re-
 petição 20 reis — Corres-pondencias 30 reis por linha.

COM ESTAMPILHA.
 Por anno..... 28440
 " Semestre..... 13260
 " Trimestre..... 8730
 " Supplemento..... 30

BRAGA 9 DE JUNHO.

QUANDO depois da mais ampla discussão acabavam de ser votados por grande maioria na camara electiva as medidas financeiras propostas pelo governo, que tinham por fim abrir as fontes da riqueza da nação, desenvolvendo a agricultura, as artes e o commercio, depois de cinco annos de paz, de tolerancia e de liberdade, o governo pediu a sua demissão que lhe foi acceita pelo Soberano.

Tendo sido convidados varios cavalleiros para formarem um novo ministerio consta que o sr. marquez de Loulé conseguira organisal-o da maneira seguinte: marquez de Loulé, reino; Julio Gomes, fazenda; José Jorge Loureiro, guerra; visconde de Sá, obras publicas e marinha.

Lê se no Leiriense.

Um jornal do Porto, a *Monarchia*, abuzando do sacerdocio da imprensa, que devera acatar, escreveu no seu n.º 493 de 23 do corrente, as seguintes notaveis palavras:

«Um nosso assignante do Douro escreve nos n'estes ultimos dias, dizendo-nos que alli não só vai aparecendo em grande escala o *oidium-tukeri*, mas que os centeios e cevadas, estando multibons de palha, não tem criado grão, e que em muitas partes vai dando o mal pelas cerejeiras cahindo-lhes a folha: que uma boa parte dos batatais se perderam: que tendo lhes seccado a rama, o fructo apenas meio criado apodreceu.

«O nosso assignante attribue tudo isto a um castigo da Providencia, pelo

desprezo e indifferentismo religioso com que entre nós se estão guardando os preceitos da Santa Lei de Deos. Nós accrescentaremos, que quem julgar o contrario engana se

«Os males que ha annos nos estão accommettendo não são filhos do simples acaso, como querem fazer acreditar os filhos das luzes, mas sim permitidos por Deus, em castigo de nossos peccados, e o meio de os conjurarmos não é outro senão a emenda da vida. É preciso deixar de servir a satanaz, e servir só a Christo. A sociedade está em ruina, e só se poderá salvar abrigando-se á sombra da Cruz do Salvador.»

Não levamos a mal, antes folgamos, que os orgãos do partido vencedor advoguem a sua causa, que é tão portugueza como a contraria, mas quizeramos que o fizessem de modo que nunca compromettessem a lealdade e a boafe, que devem ser compañeiras inseparaveis do escriptor publico.

A sociedade está em ruina? Os males que á annos a esta parte nos tem affligido procedem do desprezo e indifferentismo religioso que o collega attribue aos filhos d'este seculo? Vamos provar-lhe que não; vamos mostrar-lhe que estes males são de todos os tempos, e que se agora ha differença é para menos, muito menos, e não para mais; vamos com a historia na mão convencel-o de que o engano está da parte da *Monarchia*, e não da nossa.

Deixando as calamidades das eras mais remotas, pondo tambem de parte as fomes e as epidemias que assolaram o Egypto, e mais tarde o povo romano, tanto durante a republica, como nos reinados de Tito e Marco Aurelio, para só fallarmos das que pesaram sobre o mundo desde o estabelecimento do Chrisianismo, o que vemos nós? A miseria,

a desolação e a morte, quasi constantemente pairando sobre os homens, marcando por annos successivos o seu imperio na terra

Em 542, 543, e 544. da era christã — a Africa, a Asia e uma parte da Europa, foram simultaneamente devastadas por todos os horrores da fome.

Em 640, no reinado de Clovis 2.º, foi tão extrema a falta de subsistencias que invadiu a Franca, que este principe, depois de haver esgotado o thesou-ro publico, foi obrigado a lançar mão das laminas de prata, que cobriam o tumulo de S. Diniz, para distribuir aos pobres o seu producto.

Em 874 perdeu a Alemanha em consequencia da fome um terço da sua população.

No principio do seculo 11.º foi a Europa assolada pela fome e por todo o cortejo de males que ella traz consigo, por espaço de sete annos.

Em 1030 foi de novo dizimada pelo flagello, e em seguida pelos horrores da peste.

Nos annos de 1053, 1059, 1096, 1101, e 1108 até 1113, novas calamidades pezaram sobre ella.

Em 1125 foi horrorosa a mortandade em Franca, e em toda a Africa, chegando os indigenas a devorar-se uns aos outros para se alimentarem.

Entre os annos de 1320 e 1335 veio a peste e a fome devastar a Italia e a Franca.

As chuvas continuas e quasi geraes do anno de 1345 foram causa d'uma esterilidade que ameaçou a existencia da maior parte dos estados.

Em 1348 a peste negra depois de aniquillar o oriente veio pouzar na Europa, onde tinha de sacrificar milhões de victimas. Narbona perdeu 30,000 habitantes, o Languedoc foi destruido, em

POLLETIM.

Mysterios do Porto.

POR ***

XX.

(Continuado do n.º 237)

Eram 8 horas da noite. Luiz Vieira dirigia-se ao mesmo local donde alguns mzes antes tinha sahido preso, mas já não encontrou alli aquelle foco de desmoralisação. Era forçoso procurar outro, e Luiz Vieira, habil naquelle mister, não tardou muito que não desse comsigo n'uma das principaes casas de jogo do Imperio. Quando Luiz entrou, sem pejo, na sala, os circumstantes olhavam-o, e um pequeno susurro

se fez ouvir: Luiz não fizera reparo, e chegando-se á meza, parou.

Passaram-se alguns segundos e Luiz recolhia algum dinheiro. Dahi a pouco, recolhia mais e mais... até que finalmente, depois de esgotadas todas as forças da banca, se dava por concluido o jogo, e Luiz Vieira recolhia a casa, pelas 2 horas da noite, com tres contos de reis em notas.

Abençoado dinheiro que a viscondessa lhe tinha emprestado.

No outro dia, ás duas horas da tarde, uma seje se achava collocada á porta de um hotel, na rua do Cano. D'ahi a pouco Luiz mettia-se dentro, e dava ordem ao boleiro de tocar para o *Botafogo*.

A seje, correndo sempre, achou-se, depois de algum tempo no *Botafogo*. A viscondessa, admirada da visita que a procurava de seje, correu á janella, mas Luiz já tinha apeado, e tocava á campainha. A porta abriu-se e elle subiu.

— Venho pagar-vos uma divida, senhora viscondessa, — disse Luiz Vieira orgulhoso — emprestastes-me hontem algum dinheiro e venho dar-vol'o.

— Não esperava similhante generosidade — disse, friamente, a viscondessa. O dinheiro foi dado e não emprestado — por isso não contava com elle, nem eu vol'o recebo.

— Sempre gen'rosá... e sempre beneficente... com tudo haveis de o receber... e não só este contio o mais de que precisardes.

— Obrigado... não tenho, por ora, precisão...

— Estaes muito rica...

— Se não fosseis vós, mais rica ainda podia estar...

— Por isso mesmo que eu vos dissipai algumas sommas da vossa fortuna, quero pagar-vol'-as.

— Pagar-m'as?

— Sim... fazei a conta...

— A conta está feita de ha muito são quatro contos duzentos trinta e cinco mil reis....

Paris chegaram a morrer, segundo uns 500, segundo outros até 800 pessoas por dia.

O que se dava na França acontecia na Hespanha e na Italia. Affonso 12.º de Castella, morreu com a maior parte do seu exercito, victima do flagello, pondo cerco a Gibraltar, Genova perdeu 40.000 habitantes, Napoles 60.000, Veneza mais de 80.000, a bella Florença ficou despovoada, Trapani, na Sicilia, inteiramente deserta.

No anno seguinte (1349) a peste negra precedida por violentos tremores de terra e chuvas espantosas, invadiu a Inglaterra, a Holanda, e a Alemanha. Strasbourg perdeu 16.000 almas, a Islandia foi destruida, deixando desde essa época de formar um corpo de nação por falta de habitantes.

Em 1418 foi tão grande, e tão lastimosa a epidemia que se desenvolveu na França, que a sua capital chegou a perder 80.000 pessoas.

Em 1419, 1420, e 1421 a carestia de viveres e a falta de alimentos transformaram os parizienses em esqueletos lividos, que vagavam pelas ruas cahindo as centenas entre bandos de creanças, que tambem se finavam de fome.

Em 1437 e 1438 foi ella tão horriavel que os lobos vinham ao meio dos *faubourgs* de Pariz buscar os cadaveres, e algumas vezes até as creanças, que encontravam desfallecidas ás portas das habitações.

Um livro de Machiavel pinta nos a peste de 1527.

Entre os annos de 1528 e 1534 foi tal o transtorno das estações, e por consequencia das colheitas, que o resultado foi o reinado da peste em toda a sua idiozoz.

Em 1632 foi a Lorena cruelmente devastada pela fome, chegando os seus habitantes a commetterem os excessos do estado selvagem.

A fome de 1660 a 1665 e depois a de 1692 a 1694 foi de tal ordem, que neste ultimo anno chegaram a contar-se 36.000 doentes no *Hotel de Dieu*.

Em 1709 e 1710 foi tal a miseria que assolou a França que Luiz 14.º vendeu toda a sua baixella a beneficio dos pobres, e ordenou, para dar um exemplo de sobriedade, que no palacio de Versailles senão comesse senão pão de rolão ou d'aveia.

Em 1720 foi Marselha flagellada pela peste, e se unicamente perdeu 50.000

habitantes foi porque o seu virtuoso bispo Belsunce, como enviado da Provisidencia, velou sobre ella.

Até aqui não temos ennumerado senão as calamidades mais notaveis, e que mais lagrimas tem feito derramar á humanidade de ha seculos a esta parte; não se julgue porem que são as unicas, ou que as outras de que não démos conta são poucas em numero e de pequena importancia.

Moreau de Jonnés, a quem a estatistica deve tantos e tão conscienciosos trabalhos, tratando das crises alimenticias, diz-nos que só em França contam os historiadores 26 fomes no seculo 11.º, 51 no seculo 12.º, no 17.º 33 carestias e 11 fomes, no 18.º 28 carestias e 9 fomes.

Se dos diferentes paizes descermos ao nos-o Portugal, onde, é força confessal o, não tem havido tanto cuidado em colligir dados historicos que nos habitem, veremos que não temos sido mais poupados que o resto da Europa. O anjo exterminador tambem nos visitou.

A primeira calamidade de que a historia faz menção teve logar pelos annos de 1190, no reinado de D. Sancho 1.º Para a descrevermos como convem, e em breves termos, nada melhor poderemos fazer do que citar as seguintes palavras de Duarte Nunes de Leão, extrahidas das *Chronicas dos Reis de Portugal*:

« Além d'estas adversidades de entradas de inimigos, ouve outras muitas, que derão a El-Rei D. Sancho muito descontentamento. Porque houve tão grandes invernadas alguns annos, e tão desacomodadas chuvas, assi pela perseverança dellas, como pela multidão das aguas, que se perderam as novidades de pão, vinho, azeite, e fructas de todo. Porque o pouco que ficava o comeo a grande multidão de bichos, que nasciam como praga do ceo. A pos isto succedeu tamanha secca e quentura, em tempos de Antumno e Inverno, que não podiam os homens cultivar as terras. Com estas trocas de tempo contra o curso natural, sobreveio grande peste, principalmente na terra de Sancta Maria do Bispado do Porto, de que morreu tanta gente, que povoações grandes ouve, onde não ficaram vivas tres pessoas. Na terra de Braga adoeciam homens e mulheres de doenças de tão terrivel ardor, e raivosa quentura, que lhes parocia que lhes ardiam as enranhas, e com raiva se comiam a si mesmos, e morriam sem rem-dio. Além disso houve muitos annos, tanta falta de mantimentos, que muita gente morria, e os que viviam, se sustentavam de ervas do campo, quando as achavam.»

Em 1202, reinando ainda D. Sancho 1.º foi o paiz novamente devastado por uma fome, que depois de haver assolado a França, a Italia, e a Hespanha, veio estabelecer-se entre nós, fazendo-nos milhares de victimas.

Nos principios do seculo 14.º, no anno chamado da *pestilencia grande*, fomos visitados pela peste d'um modo tal que só no convento de Ceice, segundo um documento do cartorio, morreram dentro de dois mezes 150 religiosos.

Em 1333, diz o livro de Nôa:

« Morreram muitas gentes de fome, quando nunca os homens viram morrer; por esta razão nem viram nem ouviram homens antigos dante si, que tal coiza vissem nem ouvissem, e tantos foram os passados que foram soterrados nos adros das igrejas que não cabiam em elles, e deitavam nas covas 4 a 4 e 6 a 6, e assim, como os achavam mortos por as ruas e por fóra, e isto foi assim tudo do começo do anno até ao outro Janeiro do anno seguinte.»

A grande peste de 1348 tambem se fez sentir entre nós, depois do haver arrojado á sepultura mais de metade da christandade. Em seguida houve uma tregoa, mas em 1438 manifestou se de novo fazendo bastantes estragos. El-Rei D. Duarte retirando d'Evora para evitar o mal veio a ser victima d'elle em Thomar, a infanta D. Filippa, sua filha, passados poucos dias veio pelo mesmo motivo a succumbir em Lisboa.

Em 1466 tornou a epidemia a invadir o reino, causando grandes males. Fr. Luiz de Souza, tratando na historia de S. Domingos do mosteiro d'Aveiro, diz que esta villa ardia em fogo de contágio e mortes.

Em 1479 no tempo de D. Affonso 5.º começou novo contágio, e com elle novas tribulações, porque a peste durou desta vez com mais ou menos força por espaço de 17 annos, prolongando-se até ao reinado d'El-Rei D. Manoel.

Nos 4 annos que decorreram de 1504 a 1507 tornou a pezar sobre o reino uma grande epidemia, junta a uma grande esterilidade. Os gados achavam-se mortos a cada passo, o mar deitava fóra os peixes, em que se divisava uma nota negra abaixo da gueltra, as aves cahiam do ar, a natureza mostrou um tal transtorno que em Setembro de 1506 rebentaram de novo as vinhas e as arvores, vindo a produzir fructos em Janeiro de 1507. Christovão Rodrigues Acenheiro testifica que, colhidas neste

trazis dinheiro para tanto? Se o tendes, pagai-me e deixai-me em paz.

— Julguei que seria menos: eu sempre tenho sido muito prodigo.

— Bem vêdes que para pagardes o que me deveis não vos chegam os tres contos de reis que ho tem ha noite ganhasteis....

— O que?

— Sabe-se tudo... admiro que no mesmo dia em que sahisteis da prisão por causa do jogo, fôsseis embrenhar-vos n'uma casa igual aquilla donde sahisteis preso e escoltado por soldados da policia. Não julgueis que sigo os vossos passos. Estou muito distante do grande mundo que vos lançou no caminho da perdição, e nem mesmo eu tenho dinheiro sufficiente para dar a quem vos siga, porque não me importa o que fazeis: já lá vai esse tempo em que eu era louca. Quero agora começar uma nova vida... penitenciar-me, e arrepende-me do que tenho feito.

— Sois mais austera que um frade da Carluxa.... isto é na apparencia.... mas no fun-

do do coração sois uma perfeita freira sangui-naria.

— Enganais-vos: não ha aqui Conrados nem Cagliostros... ha só uma mulher que quer salvar-se e essa mulher chama-se — ADELAI-DE.

— Viscondessa....

— Não... prescindo do titulo. Eu não sou nobre... e, ainda mesmo que o fosse, de que me serviria, se dentro em pouco não terei com que matar a fome a meu filho?

— Não me dissesteis que poderieis ser mais rica, se eu não vos dissipasse algumas sommas?

— Sim, disse.

— Logo é certo que possuis ainda algum dinheiro....

— De certo, e como viviria eu se não o possuísse?

— Vamos... aqui tendes dinheiro, minha Adelaide, como que fosse teu.

— Não... não quero... não me tentes.

— Porque não? Eu já sou outro rapaz....

— Vai-te... vai-te... deixa-me....

— Deixar-te?... nunca! como poderia eu deixar-te, Adelaide, se, um momento que não estou ao pé de ti, torna-se-me a vida tão penosa e tão pesada? Deixar-te, Adelaide? Oh! não... não... não... nunca... perdoa os meus desvarios, as minhas loucuras... não me attendes, Adelaide; foges de mim! que mal te fiz eu? Já visteis alguém que não cumprisse a sua sorte? Eu, agora sou outro — continuava Luiz, dando-se seus ares de galan de comedia — tenho outro procedimento, — já não sigo a mesma carreira do vicio e do crime, — sou outro homem.

Adelaide escutava-o e nos olhos lia-se-lhe o seu assentimento ás supplicas de Luiz. A batalha estava ganha, e Luiz Vieira contava-se já do numero da familia da viscondessa.

— Deixa-me Luiz... deixa-me!

— Adelaide! — disse elle lançando-lhe o braço pela cintura.....

(Continua)

mez, comera romãs no meio da praça de Évora.

No anno de 1521 foi tão grande a fome, que o trigo que no anno antecedente se vendia por 30 rs. o alqueire passou no seguinte a vender-se por 300 rs. e mais. A peste por este mesmo tempo fez tantos estragos, diz o sobredito A enheiro, que em Fez pereceram mais de 400 000 pessoas. O trigo chegou alli a vender se a 1 000 rs., um cão comprava se para comer por 500 rs. *das partes de Saffim vendiam-se o pai ao filho e o filho ao pai por um pão, uma alcofa de figos e uma quarta de farellos.*

Em 1552 houve grandes terremotos, e em consequencia d'elles grandes desgraças nas ilhas dos Açores.

Em 1530, houve violentos abalos de terra n'este reino, que fizeram, tanto em Lisboa como n'outras partes, decahir grandes edificios, cahir muitas casas, e morrer muitas pessoas. Só em Lisboa sucumbiram cerca de 30,000 pessoas.

Em 1535 toda a estação do inverno se tornou n'um estio assustador; o mez de Janeiro, o peor de todos, foi secco e quente, os gados morreram em grande parte, os lavradores não poderam fazer as sementeiras.

Nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro de 1569 rebentou uma peste tão destruidora, que só em Lisboa não foram menos de 80,000 as victimas que fez, havendo dia em que morreram 500 e 600 pessoas. «Por não haver homens sãos para enterrarem os cadaveres diz Fr. Manoel dos Santos, na sua historia Sebastica, soltaram os criminosos que estavam nas galés, e lhes commutaram o banco e o tempo do castigo no serviço piedoso d'enterrarem os mortos, e ainda com tudo estavam, não poucos lançados pelas ruas tres e quatro dias, esperando que podessem ser sepultados.»

No anno de 16..... Basta; a enumeração vai longa, o sudario é sombrio, e para desilludir a folha do Porto, cremos que não será necessario manifesta-lo todo.

Collega da Monarchia, este século conta mais calamidades do que os antecedentes? O pouco que agora estamos soffrendo é um castigo da Providencia pelo despreso com que entre nós se estão guardando os preceitos da lei de Deus?

Mas então se isso assim é porque seriam os nossos religiosos antepassados mais martirizados do que os descrentes d'agora?

Então edificavam-se templos, levantavam-se basilicas, dotavam-se mosteiros, pregava-se a religião da Cruz nos sertões, combatiam-se os mouros, levava a Europa oito cruzadas á Asia para resgatar o tumulo de Jesus Christo, e a peste a fome e a guerra devorava as existencias, aniquillava os povos, espalhava a desolação e a morte na face da terra. Hoje não fazemos nada d'isto, somos réprobos, no dizer do jornal realista andamos na estrada de satanaz, e Deus protege-nos, a sociedade florece, o mundo caminha para a perfectibilidade!

Collega, os segredos da Providencia não se prescram, os caminhos de Deus não se devassam, o bem e o mal não se explicam tão levemente como

o fizestes, para o fazeres valer aos vossos fins.

Dizer que a sociedade está em ruina, asseverar que Deus nos está castigando, é mais do que uma ingratitude, é quasi uma blasfemia, que só a ignorancia, ou o esquecimento da historia poderá desculpar.

Convencei-vos do contrario por que estais em erro. Comparai o passado com o presente, reconhecei a superioridade d'este século, que falsamente alcunhaes d'irreligioso, e dai graças ao Senhor das misericordias pelos beneficios que nos está dispensando.

E' o melhor que vos podemos aconselhar.

A. X. R. CORDEIRO

NOTICIARIO.

Festividade — Festejou-se hontem na Igreja de S. Pedro de Maximinos a SENHORA DA PIEDADE, com missa solemne, sermão e procissão.

— **Exoneração.** — Consta-nos que o exc.^m snr. Conde de Bertiandos, Governador Civil d'este districto, e o exc.^m snr. Custodio de Faria Pereira Pereira da Cruz, Secretario Geral, pediram suas exonerações d'aquelles cargos.

— **Baixa.** — As inscrições que estavam a 43, em consequencia da crise ministerial desceram a 36.

— **Remedio contra o oidium** — D. Manoel Vicente Lopes da provincia de Jaen, solicitou do governador civil d'aquelle districto, que desse publicidade ao des-obrimento que diz ter feito d'um especifico para preservar as vinhas do *oidium tucki* — Consiste o remedio em lançar n'uma cova ao pé da vide, bem descascada e limpa, quatro quartilhos e meio d'agoa e dois arrateis de cal, tendo o cuidado de não offender a vide com este processo — Tendo o sur. Lopes feito numerosas observações diz que encontrara o mal no pé da cepa.

(Lamecense)

— **Concursos.** — Estão em concurso que principiou no dia 19 do pp. as cadeiras de ensino primario do extinto Conto de Cíboes no districto de Aveiro; Monsarás e Reguengos de Monsarás no de Évora; freguezia de Macieira, no da Guarda; Sant'Iago de Cacer no de Lisboa com o ordenado annual de 90 000 rs. pagos pelo thesouro publico e 20 000 rs. pelas respectivas camaras municipaes.

— **Outros.** — Estão em concurso que principiou no primeiro do corrente as cadeiras de grammatica portugueza e latina e de latinidade das villas d'Abrantes e Agueda, com o ordenado annual de 200 000 rs. pagos pelo thesouro publico, e com a gratificação annual de 30 000 reis, se o provido der lições de francez, para o que se deverá habilitar com exame publico.

Lê se na **Civilização**:

— **Cavalllos quebrando lanças.** — Hoje foi dia asiago.

Pela uma hora da tarde, os cavalllos da carruagem do sr. Silva Carvalho, perderam o governo, na calçada dos Paulistas, indo esbarrar no poço Novo, onde se quebrou a lança do carro, apeando uma senhora e uma menina, que iam dentro, sem terem incommodo algum, além do susto.

— **Criminosa farsa d'Amor filial.** — Um confeiteiro na rua do Paraíso, tinha a sua mãe

gravemente enferma. Tratava-a com todo o disvelo, e carinho. A doente peorou. O desolado filho fez-lhe uma junta dos melhores medicos, e estes deram-lhe sentença de morte. Receitaram-lhe a ultima medecina o Viático e os Santos Oleos.

Mas quem dissera que n'aquella casa haveria um defunto antes da sacramentada!

O filho apenas saiu Nosso Pai correu ao seu quarto, carregou uma pistola e disparou-a contra si, caindo logo no chão e na eternidade!

Tinha elle dito já a algumas pessoas, que não tinha forças para sobreviver á morte de sua mãe. Quando a viu desenganada, apressou-se a fechar os olhos antes d'ella, infelizmente por um acto condemnado pela philosophia e pela religião.

Este suicidio é de certo original, e não nos lembra de outro igual.

Muitos filhos tem sacrificado a sua vida para salvar seus pais. Este privou-se da existencia, sabendo que não podia prolongar a de sua mãe.

Deus perdoe ao allucinado, mas bom filho.

— **Lê-se na Nação**:

— **Caminho de ferro.** — Os de Inglaterra compõe actualmente 8,054 milhas.

As calhas podem formar uma cinta de ferro em redor do globo.

São empregados no serviço das vias ferreas 90,400 homens; 50,000 locomotivas; 150,000 vehiculos, e consomem 2,000,000 toneladas de carvão.

Gastam-se nestas obras e no seu material 236,000,000 de libras esterlinas, somma que é igual á terceira parte da divida do Estado.

Produziram em 1854, 20,215,000 libras. Os accidentes no primeiro semestre de 1854 correspondem a um por cada 7,495,343 viajantes.

Além dos 90,000 empregados fixos tem 40,000 temporarios.

Dão ao commercio uma economia de 40 milhões de libras annualmente.

O PLUTARCO BRACHARENSE, E AS SUAS INCRIVEIS MISERIAS.

(Continuado do n.º 236.)

O problema está resolvido, dizemos nós, e quem o resolveu foi o nosso conego municipal no insolentissimo pregão que despejadamente vomitou contra a Camara de 1852.

A auctoridade não póde ser mais competente nem menos suspeita: as verdades que nos revelou são assás importantes, em razão dos copiosos raios de luz que projectam sobre a materia do famoso romance das *incriveis miserias* do pseudo-Plutarcho; e então merece a pena que as analysemos com mais alguma detenção.

A solução do problema, enunciação no referido pregão, contem tres partes bem distinctas, qual dellas mais admiravel, qual dellas mais espantosa.

A 1.ª é a cynica petulancia com que o *excentrico Depositario* da riqueza nacional (palavras delle) qualifica de *insulto de violencia selvagem* a transladação d'alguns livros do 2.º para o 1.º pavimento, mandada fazer pela Camara municipal, sob a inspecção e direcção d'um de seus membros, em cumprimento d'uma determinação regia, que deu áquelle 2.º pavimento um destino especial, motivando esse facto com uma insinuação calumniosa e estulta.

A 2.ª é a cynica fatuidade com que o mesmo *excentrico Depositario* se arroga uma independencia absoluta em relação ao preciso thesouro que diz lhe foi unica e exclusivamente confiado, contestando não só á Camara mas ao proprio Rei o direito de lhe tocar nem

requer com um d'êdo. A 3.ª é a inqualificavel preverosidade com que se arroja a conspurcar aquella illustre Camara com a insinuação prevenida e immunda de gatunos do Deposito precioso.

Ora não podem os leitores deixar de concordar connosco que a tarefa é demastado repugnante; mas — *Quamquam animus meminisse horret, luctuque refugit* — sujeitemo-nos a ella.

Para poder avaliar se devidamente a petulancia, a fatuidade, a arrogancia e o cynismo do verdugo da camara e do Lyceu, manifestados, na 1.ª e 2.ª parte do nauseabundo pregão, julgamos indispensavel transcrever aqui a Carta de Lei de 13 de Julho de 1841, que autorizou a fundação da Bibliotheca de Braga —

Art. 1.º Fica autorizada a Camara Municipal de Braga para prover pelos rendimentos municipaes ás despezas do material e pessoal, que forem indispensaveis para o immediato estabelecimento e conservação da Bibliotheca Publica, pertencente ao Lyceu Nacional.

Art. 2.º O extincto convento dos Congregados do Oratorio, que existe na dita cidade, é destinado para a collocação da mesma Bibliotheca e Lyceu.

Art. 3.º Fica revogada toda a Legislação em contrario. —

A' vista das disposições muito explicitas d'esta Lei, fica evidente 1.ª que a Bibliotheca de Braga não é um estabelecimento isolado e independente, como o quer estultamente inculcar o *eccentrico* Bibliothecario, mas sim um estabelecimento pertencente e anexo ao Lyceu nacional, creado em virtude da disposição do art. 29 do decreto com força de Lei de 17 de Novembro de 1836, e que jamais podia ser alheado do Lyceu, nem administrado por empregados estranhos ao corpo cathedratico sem manifesta infracção d'aquellas duas Leis, e flagrante usurpação dos direitos do Conselho do mesmo Lyceu.

2.ª Que sendo destinado o extincto convento dos Congregados para a collocação da Bibliotheca e Lyceu, já-mais esta distribuição do edificio para os dous estabelecimentos annexos e incorporados um no outro poderia effectuar-se legalmente sem a intervenção, ou antes sem a immediata direcção do mesmo Lyceu, em harmonia com a Camara

Vejamos agora como foram interpretadas pelo nosso conego municipal aquellas tão terminantes disposições das Leis.

Apenas encarregado pela Camara de 1841 (talvez por excesso de bondade e boa fé que Deus lhe perdoe) de colligir e acondicionar no convento dos Congregados os livros dos extinctos conventos do districto, em quanto senão acabava de construir o salão que desde logo se destinara para a collocação definitiva da Bibliotheca, lançou mão de todo o edificio, menos a parte que se achava então occupada pela secretaria do General commandante da Divisão, e não ficou cubiculo nem corredor n'aquelle vastissimo convento, que este poderoso sultão não julgasse indispensavel para estabelecer o seu imperio.

Arvorado assim, de seu motu proprio, em dictador soberano do deposito precioso que diz ter-lhe sido confiado por uma Portaria do Governo, nós o vimos disputar com frenetica insolencia á

Camara de 1842 a 44 o direito de lhe pedir contas dos seus actos e do estado d'aquelle deposito: nós o vimos preparar, inculcar e conduzir *ardilosamente* ao fim a carta de lei de 2 de Dezembro, que lhe assegurou o vacillante canonicato, e consummar assim a mais revoltante das vinganças contra a Camara que o tirara da miseria, graças ainda á boa fé de alguns deputados da provincia, que apadrinharam em cortes a causa do *egoismo* o mais escandaloso, embuçado arteiramente com a ficção de zelo transcendente pela instrucção publica, e pela civilisação deste bom povo!

Nós o vimos, pois, fabricar e fortalecer, por meio d'uma serie bem teçada d'habeis manobras, esse escandaloso canonicato que disfructa ha 16 annos, á custa do municipio de Braga, arrogando-se o direito de dispôr a seu bel-prazer do edificio dos Congregados, onde installou ha 16 annos o seu bachalato, como se todo elle fosse destinado para o deposito de livros que soube espalhar a seu geito por todos os repartimentos daquelle vasto edificio.

Nós o vimos arredar cautellosamente, por meio d'engenhosas alicantias, toda e qualquer ingerencia ou participação do Lyceu em negocios da Bibliotheca, e erguer de seu motu proprio tapamentos e barreiras ent e estes dous estabelecimentos irmãos: viver em continua anarchia com o mesmo Lyceu, com a Camara Municipal e Governo Civil, ou por se não conformarem com essa burlesca independencia que insolentemente ousa arrogar-se, ou por se recusarem a satisfazer ás suas tresloucadas exigencias. Tudo isto vimos e admiramos, porém muito mais ainda temos admirado a evangelica paciencia, por não dizer *criminosa tolerancia* de quem se tem deixado tão vilmente ultrajar por um miseravel parasita, com fumaças de tyrannete, que devera ha muito tempo ter sido chamado á ordem, e obrigado a entrar nos seus deveres! Mas preguamos na analyse do estupendo pregão.

(Continua)

Publicações Literarias.

ATALAIA CATHOLICA.

PUBLICOU-SE nesta cidade o n.º 85, e deste interessante jornal religioso.

Assigna-se em Braga em casa de José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3— Lisboa na administração da *Nação*, Travessa Nova de S. Domingos n.º 47— no Porto na da *Manarchia* rua das Hortas n.º 83.

Preço por 36 numeros 1:200 rs. 18 ditos 660 rs. (francos de porte).

PUBLICOU-SE o n.º 27 do JORNAL A INSTRUÇÃO PUBLICA.

PUBLICOU-SE o n.º 16.º do JORNAL de ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE.

Recebemos o n.º 81 da Gazeta MEDITICA de LISBOA.

Recebemos o N.º 5 da TRIBUNA DO OPERARIO publicado pela Associação dos Amigos das Classes Laboriosas.

AGRADECIMENTO.

O PADRE Luiz José Gomes Forte, e Custodio Mendes da Silva Braga agradecem a todos os ill.ºs e exc.ºs senhores os obzequios que lhes fizeram em procura-los e assistirem ao funeral de seu muito presado irmão e cunhado José Francisco Ribeiro Forte, pelo que lhes dedicão eterna gratidão.

ANNUNCIOS.

PELO Juizo de direito desta comarca de Braga, e cartorio do escrivão Faria se tem de proceder á arrematação no dia 29 do corrente mez por 9 horas da manhã á porta do tribunal das audiencias dos moveis seguintes, 2 toneis, 1 caixa, 1 meza, e 4 cadeiras tudo de castanho, avaliados na quantia de 7\$880 reis, e bem assim o campo da Insua sito na freguezia de S. Paio d'Arcos, de terra lavradia e vidonho e agoa de lima e rega, foreiro á extincta commenda de Lomar, que se acha avaliado livre de todos os encargos no liquido valor de 263\$250 reis tudo penhorado a Antonio Ferreira, e mulher, do lugar de Goxe freguezia de S. Paio d'Arcos na execução que lhe move João Antonio d'Oliveira Braga desta cidade. (399)

NOTICIA.

A MEZA da Irmandade de S. TORQUATO, collocada nos suburbios da Cidade de Guimarães festeja o mesmo Miraculoso SANTO nos dias 5, 6 e 7 de Julho do corrente anno de 1856.

No Domingo de manhã, cantar-se-ha a musica instrumental a Missa, com exposição do SANTISSIMO SACRAMENTO, e sermão.

De tarde ás 3 horas sahirá a Procissão na qual se veram 2 magestosos carros triumphantes: levará mais 3 carros, um de Virgens e outro de Anjos alem de outras figuras.

A' noite, illuminar-se-ha a frente do Templo; e logo ao escurecer, principará o fogo do ar e preso, o melhor que alli se tem apresentado.

O corpo inteiro do SANTO estará patente á veneração dos fieis, nos 3 dias.

Na segunda-feira haverá Missa cantada a muzica, e linda a solemnidade.

(397)

ILLUMINAÇÃO A GAZ DE BRAGA.

RECEBEM-SE assignaturas d'acções para a COMPANHIA GERAL BRACHARENSE, durante 30 dias. Quem quizer obter estatutos da Companhia, pôde dirigir-se, a

BRAGA. } Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira.
Manoel de Magalhães d'Araujo Fimentel.
FRANCISCO de Campos d'Azevedo Soares
JOÃO Luiz Pipa.

PORTO. } Bento Luiz Ferreira Carmo. Onde tambem se recebem assignaturas. (398)

TYP BRACHARENSE